

# *Figurações do Passado: heroicidade e nacionalismo na virada do século XIX para o XX*

**Nayara Emerick Lamb**

Mestre em História Política pelo PPGH-UERJ

## *Transformação e Crise no Rio Grande do Sul do Fim do século XIX*

A partir de 1889 um clima de tensão invade a vida da sociedade brasileira constituindo um novo momento pautado nas experiências do início da República. Vê-se então, um cenário com transformações e continuidades no que diz respeito aos diversos setores da vida pública, política, econômica e social. No âmbito político, o movimento de 15 de novembro de 1889 marcou mais do que a inauguração de um regime assinalou, também, a ascensão de outros grupos aos postos de comando e à reorganização de antigas ordens e extratos desta sociedade. A natureza militar do movimento instalou um ranço de discórdia entre o governo republicano e o restante dos grupos políticos acostumados, até então, a lidarem com as questões nacionais a partir de determinadas normas e protocolos pautados na própria figura do Imperador d. Pedro II e no poder que este exercia junto ao aparelho do Estado.

De uma forma geral, a primeira fase da República Brasileira foi marcada por conflitos e questões advindos da própria natureza da instalação do regime e de seu funcionamento. Este cenário que se apresenta à nação brasileira é caracterizado por diferentes nuances no que diz respeito às realidades coexistentes dentro do território da nação.

Joseph Love afirma que “em parte alguma foi a instabilidade política nos anos iniciais da República maior do que no Rio Grande do Sul”<sup>1</sup>. E foi nesse clima que se construiu o espaço em que o primeiro volume da biografia *Historia do General Osorio* foi publicada, simultaneamente à inauguração da estátua equestre do General Osorio<sup>2</sup> na Praça XV de Novembro no Rio de Janeiro.

Inaugurado em 12 de novembro de 1894, o monumento ao General Osório teve, segundo Affonso Fontainha,<sup>3</sup> seus 8 metros de altura construídos com o bronze dos canhões tomados pelo Brasil na Guerra contra o Paraguai (1865-1870) e pedestal em granito dos Alpes. Os comentários na imprensa marcaram o clima de festa e comemoração pelo evento na capital do país, que contou com a presença de autoridades e grande público. Clima muito diferente do que se experimentava na província natal do General e de seu filho. Tomado pela guerra e pelos combates, o Rio Grande do Sul vivia uma experiência de morte que José Soto Vidal descreveu nos termos fatídicos “cenas de sangue e violência”. Cenas estas que imperaram na lembrança dos locais, já marcados por tantos outros conflitos, e que trouxeram à memória da população regional a lembrança de uma guerra passada, nunca superada, onde guerreiros lutaram, bradaram e morreram em mesmo pé de igualdade<sup>4</sup>, possibilitando uma herança rica de luta pela liberdade que também foi bradada pelos guerreiros de 1893.

Acreditamos que ao associar sua obra biográfica à monumentalização em estátua do General Osório, Fernando Luis Osório permitiu que seu pai e seu texto fossem conjuntamente monumentalizados a partir da comemoração coletiva do indivíduo Manuel Luis Osório. A comemoração da pessoa Osório, em ambas as obras (a estátua e a biografia), apontam para a busca da construção de uma memória do homem público (sob a forma do cavaleiro fardado presente na estátua) somada à memória do homem privado, que estava contida nas mais de 700 páginas escritas por seu filho e destinadas a esmiuçar, ao menos, parte de sua vida. Ambos os trabalhos deveriam servir de ‘monumento’ à figura heroica, permitindo a co-memoração (no sentido de lembrar coletivamente) daquele indivíduo e instaurando um processo de representação que permite o esquecimento da morte, fixando no presente à figura do que já não é mais.<sup>5</sup>

Escrita por Fernando Luis Osório, a *História do General Osório* foi o passo derradeiro para seu ingresso na lista de sócios do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) em 25 de agosto de 1895. No entanto, a biografia do marquês de Herval só foi terminada com a publicação do segundo volume, em 1915, por seus netos Fernando Luis Osório e Joaquim Luis Osório, dada a morte de Fernando Luis, em 26 de novembro de 1896.

Fernando Luiz Osório nasceu em Bagé no ano de 1848. Coursou os ensinamentos preparatórios em Pelotas e bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais em

Recife em 1873. Voltando à província teve uma farta carreira como jornalista e advogado, defensor dos pobres e adepto do abolicionismo. Assim como seu pai e filhos foi riograndense de nascimento e de causa, tendo dedicado toda a sua vida política e social à província de São Pedro do Rio Grande do Sul, ao Brasil e ao ideal republicano<sup>6</sup>, destinando parte considerável de sua vida à reunião de dados e documentos que lhe permitiram a publicação de sua obra.

A análise e a narrativa que Fernando Luiz Osorio empreende sobre a vida de seu pai são baseadas na documentação presente no arquivo pessoal do marquês do Herval, atualmente sob a guarda do IHGB, nas memórias publicadas dos companheiros de seu pai e na consulta a outras obras da época. Parte considerável da narrativa deriva também das histórias narradas pelo pai ao longo da vida e que Fernando Luiz foi tomando nota e recolhendo, sem seu conhecimento, uma vez que não conseguira convencê-lo a ditar-lhe diretamente suas memórias para fim de publicação, como tantos outros companheiros o haviam feito.

Mudo espectador desses patrióticos entretenimentos, eu também escutava com religiosa atenção as exposições que o Marechal fazia satisfeito [...].

Um dia, pensando na conveniência de colher delas proveito, em benefício do país, fui à sua presença e apresentei-lhe a ideia de ditar-me as suas *Memórias*. [grifo do autor]

Não aceitou.

Nem por isso desanimei. [...]

Enfim; não me conformando com a sua resolução, tratei de iludi-la. Para isso concebi um ardil: – o de, ocultamente, tomar notas das suas conversações.<sup>7</sup>

O primeiro volume da biografia *História do General Osorio*<sup>8</sup> possui 745 páginas. Nele encontramos a narração da vida de Osorio desde seu nascimento em 1808 na cidade de Bagé, na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, até sua atuação política nas eleições provinciais para deputado em meados do ano de 1861. Tal volume se organiza em um texto introdutório destinado ao leitor; uma sessão de correspondências onde se encontram cartas enviadas por diversas autoridades ao autor felicitando-o ou contradizendo-o

sobre fatos ali descritos e sobre a importância da obra; uma *Breve Notícia dos Antepassados de Osorio* com informações sobre os parentes mais longínquos; uma descrição do personagem/sujeito da obra, intitulada *Traços Gerais e Característicos*, na qual descreve o pai nas categorias que pretende abordar ao longo da narrativa: O Homem Privado, o Soldado, o Político e o Poeta, e a biografia, que acompanha dedicatória, ao pai e à nação e uma foto de Manoel Luis Osorio com decalque da assinatura na contracapa do volume<sup>9</sup>.

Nestas páginas, Fernando Luis emparelha a vida de seu pai e a sequência dos eventos do conflito, fragmentando a vida do indivíduo Manuel Luis Osorio entre os eventos de forma a articular a construção de sua vida naquela ocasião ao mesmo tempo que constrói os fatos em função da vida de seu personagem. Fernando Luiz Osorio empreende uma narrativa pautada na análise histórica da temporalidade em que se encontrava seu pai. Para tal, constrói uma narrativa paralela da vida de Osorio e da experiência do conflito, dando espaço para a emissão de juízos sobre seu pai, os eventos históricos narrados e os demais personagens. Faz uso largo e corrente de documentos públicos e privados, assim como debate e apresenta outras obras de época sobre as temáticas, como a política e economia do período. Estas características renderam a Fernando Luiz o lugar que almejava nos quadros de sócios do IHGB e renderam à sua obra um espaço de referência à temática que lhe possibilitou a reedição dos capítulos específicos da Farroupilha por ocasião das comemorações do centenário, em 1935, sob o título *Guerra Civil dos Farrapos*, publicado pela Editora Livraria do Globo. Do mesmo modo, acreditamos que essas características permitiram a recorrência de sua presença nas bibliografias das produções da primeira metade do século XX<sup>10</sup>.

### *O Indivíduo como Marcador Temporal*

A narrativa empreendida por Fernando Luis Osorio sobre a vida de seu pai possui um ponto característico: a descrição histórica de todos os fatos e eventos da história nacional na qual seu pai esteve direta ou indiretamente envolvido. Seguindo a chave de pensar uma trajetória de vida como espaço de figuração para o passado, o autor desenvolve um texto em que o pai figura como marcador temporal para os eventos narrados.

A intenção de Fernando Luis, segundo seus filhos, era o ingresso nos quadros de sócios do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro<sup>11</sup>. E nesse

sentido, a vida a ser narrada e construída deveria ser mais do que um elogio, gênero já desacreditado na virada do século, como pode ser percebido por sua escassez nas próprias páginas da Revista do IHGB neste mesmo período<sup>12</sup>, devendo também atender às lógicas e padrões dos processos da escrita da História em voga nas últimas décadas do século XIX e que segundo Ângela de Castro Gomes “como disciplina ‘moderna’, afirmava, exatamente pelo tipo de concepção que então se construía e solidificava sobre sua identidade, uma feição que era, ao mesmo tempo, erudita/científica e ensinável/pragmática, indissociavelmente”.<sup>13</sup>

A biografia compõe-se pela ordenação cronológica de fatos, com ênfase no que seu pai esteve direta ou indiretamente envolvido. Enquanto biógrafo, Fernando Luis aponta, em texto introdutório à obra, que optaria pela neutralidade ao narrar os eventos dentro da escrita do discurso que propunha para a criação de sua ‘visão do passado’,<sup>14</sup> apresentando esta

[...] da forma que verá o leitor, em estilo simples e desprezioso; contando e não comentando; expondo minuciosamente os fatos; abdicando o direito de apreciar os feitos do biografado, mesmo porque, o filho criterioso que escreve a vida de seu Pai, deve restringir-se a narrar os acontecimentos, com singeleza e verdade; não lhe é permitido despir-se daquele pudor natural que, assim como o impede de exprobrar os seus erros, o proíbe de elogiar os seus acertos.<sup>15</sup>

No entanto, há uma longa distância entre o que aponta como sua meta enquanto autor e a realização de seu trabalho narrativo, em que podemos identificar um leque distinto e variado de participações e estilos.

Ao longo da narrativa vemos os fatos serem representados de forma direta e inseridos na experiência humana. O autor busca, não só apresentar seu pai, mas sim vincular sua vida à história da nação, com ênfase em sua participação na articulação da delicada questão da unidade territorial. A dedicação de Fernando Luis em enfatizar que a vida de seu pai seria descrita como centro de apresentação dos momentos que constituem a coletividade, se enquadra no eixo interpretativo que é marca da produção biográfica romântica do século XIX, em que a vida do indivíduo deve, em valores e importância, se confundir com a própria história da nação. Nas palavras de Marcia de Almeida

Gonçalves “Era como se o nascimento e a trajetória da unidade individuo devesse, em sentido, confundir-se com a unidade da nação.”<sup>16</sup>

Projeto do século XIX, a construção da nação configurou-se como espaço para os homens de ciências e letras pensarem, descobrirem e redefinirem a si mesmos e ao mundo ao seu redor. Nesta lógica os integrantes do movimento romântico tomaram campo e estenderam-se como os mais importantes articuladores das noções que deveriam ser associadas à nação e ao Império que se queria construir em solo brasileiro.<sup>17</sup> No que tange a articulação entre escrita biográfica e o processo de construção da nação brasileira, a autora aponta que

Particularmente no que se refere às representações e ponderações sobre o par indivíduo/sociedade ou, de forma mais precisa, aos esforços discursivos, trabalhos de memória, de associar sentidos de trajetórias individuais aos da sociedade tida como nação, pode ser concedido destaque às biografias e autobiografias, em especial as primeiras, pela relevância nas produções letradas de muitos dos que assumiram o compromisso e a missão política de construir o império do Brasil.<sup>18</sup>

Nesse sentido, podemos afirmar que essa produção biográfica do século XIX destacou-se por uma postura romântica de pensar a história da nação enquanto palco para a experiência dos indivíduos que a construíram e que a ela deveriam servir de exemplo.

No que tange ao Brasil do XIX, os debates sobre a construção da nação sempre apontaram para a busca por um algo ideal por parte desses ‘construtores do Império’,<sup>19</sup> um algo grandioso que pudesse representar, de forma adequada, a grandiosidade da nação em construção e de seu povo. Se pensarmos que essa busca por uma grande nação se caracteriza na construção, imaginada e representada, da mesma, podemos crer que o mesmo se reflete nos homens a que se espera terem-na construído ou estarem a construir. O que leva-nos à ideia de que tais homens também devem ser vistos e representados como ícones desta nação, exemplos a serem seguidos ou cultuados, grandes homens, gênios e heróis desta construção. Função que, para Tristão de Alencar Arape, ainda em 1894, cabia ao historiador:

Pinte o historiador brasileiro os nossos grandes cidadãos, como Plutarco desenhou os homens celebres da Grécia e Roma, e estou certo, que conseguirá fazer relevantíssimo serviço à terra do nosso berço, em prol de quem suscitará patriotas sinceros e verdadeiros.<sup>20</sup>

Fernando Catroga afirma que estes procedimentos podem ser vistos como

[...] processos comuns à construção da memória individual (re-fundação, identificação, filiação, distinção, finalismo), mediante a seleção e fragmentação da sequência dos acontecimentos e a sua integração num horizonte prospectivo, evocações marcadas pela escolha de ‘grandes homens’ ou de ‘grandes acontecimentos’, assim elevados a paradigmas, cuja lembrança aparecia como imperativo histórico que o futuro devia cumprir<sup>21</sup>

Do mesmo modo coloca Maria da Glória Oliveira, ao afirmar que “Entre os letrados brasileiros, a biografia era exaltada tanto por sua capacidade em tornar vivos os grandes homens e as épocas históricas quanto pela eficácia persuasiva das suas lições morais.”<sup>22</sup>

Assim sendo, podemos afirmar que a produção biográfica do XIX, inserida no quadro de representações do passado sob a forma de uma história marcada pelo ato de selecionar, representava um movimento de monumentalização dos homens a que se quer construir como alicerces da nação. Marcia Gonçalves já aponta que “Muitos foram os protagonistas da ação de fundar e construir significados para o Império do Brasil”<sup>23</sup>, ‘significados’ construídos a partir de ‘monumentos’ que se configuram como ‘traços’ do passado, “condição necessária para que a recordação não degenere em exclusiva imaginação [...] doando sentido à vida dos indivíduos”.<sup>24</sup>

### *O Panteon Nacional: Heróis ou Grandes Homens?*

A monumentalização desses homens como traços do passado pressupõe sua inserção no *panteon* nacional. Quadro de gênios e heróis, exemplos a serem seguidos ou admirados pela população, o *panteon* nacional pressupõe uma influência direta dessas figuras sobre a sociedade. A narrativa da vida

desses homens-monumentos empreendia uma função pedagógica no século XIX, indicada pela tônica recorrente de que a construção de suas vidas perfa-  
zia o caminho de construção da nação, como indicado por Marcia Gonçalves

[...] a escrita biográfica, tanto quanto a escrita da história, garantiu a vida de alguns mortos ilustres. Veio a possuir, assim, a função de escritura mortuária, buscando suprir faltas constitutivas e preencher lacunas, elaborando, por meio da performance de gênios e heróis, uma pedagogia da comunidade imaginada como nação. Para além da eleição de quem não deveria ser esquecido, era estabelecida a dimensão do como deveria ser lembrado, e assim fazer da memória de alguns diletos cidadãos elementos constitutivo da própria memória nacional.<sup>25</sup>

Gênios, como figuras a serem admiradas, mas nem sempre seguidas, uma vez que a genialidade pressupõe um dom pessoal do indivíduo, que o permite agir sobre o mundo a partir de algo interno e individual – e nem sempre benéfico. Para Marcia Gonçalves

[...] na formulação de autores românticos o gênio se tornaria o interprete perfeito de si e do mundo, capaz de expressar tal percepção por meio de obras únicas, que, nessa qualidade, representariam também sua própria ação. Todos os homens poderiam ser gênios, mas apenas alguns de fato o seriam. Nesse aspecto, repousaria o caráter individualizador e diferenciador da genialidade como vontade e potência de criação.<sup>26</sup>

E heróis, que, como figuras fundamentais, possibilitam a confluência dos sonhos da sociedade sobre sua égide e vontade pessoal, agindo ‘sobre’ a sociedade e, principalmente, ‘para’ a sociedade. Justamente por não predizer um catalizador individualizante (um dom), a categoria de herói seria muito mais ampla e aberta à busca da exemplaridade que a de gênio. Sidney Hook aponta que

O herói, na história, é um indivíduo a que podemos com justiça atribuir influência preponderante na determinação de um desfecho ou acontecimento cujas consequências teriam sido profundamente diferentes se ele não agisse.<sup>27</sup>

Marca do século XIX, o herói romântico, para Sabina Loriga<sup>28</sup>, se apresenta no homem que ‘faz a História’, um sujeito que é mais que o indivíduo dos fatos, é um homem capaz de transcender o mundo e desempenhar o papel cósmico que realiza o objetivo geral da humanidade. Já Marcia Gonçalves aponta que a tônica do herói romântico se caracteriza por “perfilar a especificidade de cada sujeito individual, por vezes de forma comprometida com a construção de modelos de ação virtuosa, passíveis de repetição por parte daqueles que em tais exemplos se mirassem”<sup>29</sup>. François Dosse aponta a existência de duas categorias heróicas: o ‘Herói’ e o ‘Grande Homem’. Sendo o primeiro “um homem que conquistou ritualmente, pelos méritos de sua vida ou de sua morte, o poder efetivo próprio a um grupo ou a uma coisa de que é representante e cujo valor social básico personifica”<sup>30</sup> e o segundo sendo “aquele que consegue fazer coincidir sua determinação pessoal com a vontade coletiva de uma época”<sup>31</sup>. Igualmente, Sidney Hook também divide sua a figura heroica em o ‘homem-momento’ e o ‘homem-época’. Sendo o primeiro “[...] qualquer homem cujas ações tenham influenciado desenvolvimentos subsequentes numa direção completamente diferente daquela que teria sido seguida se essas ações não tivessem sido perpetradas”<sup>32</sup>, enquanto “O ‘homem-época’ é um ‘homem-momento’ cujas ações são as consequências de extraordinária capacidade de inteligência, vontade e caráter, em vez de acidentes de posição.”<sup>33</sup> Indicando que “Essa distinção tenta fazer justiça à crença geral de que um herói é grande não somente em virtude do que faz, mas em virtude do que ele é.”<sup>34</sup> Primeiro e talvez o mais famoso autor a tratar o tema, Thomas Carlyle<sup>35</sup> apresenta o herói como indivíduo que constrói a história a partir do momento que a história do mundo resulta do estudo da vida desses heróis, que para o autor possuem naturezas e características distintas mesmo entre si.<sup>36</sup>

Para Alencar Araripe a condição do herói se modifica com o advento da modernidade permitindo a inserção de uma nova tipologia de homem nos *panteoens* das nações e na escrita da história moderna. Para o autor:

Não são heróis somente aqueles a quem as proezas estrondosas deram celebridade, não; também o são aqueles que no silêncio dos gabinetes descobrem as leis da gravitação; aqueles que nos laboratórios químicos acham as combinações da matéria; aqueles que no assíduo labor da indústria inventam os teares, aplicam a força motriz do vapor, e sujeitam a faísca elétrica à vontade e ao serviço do homem. Verdadeiros heróis são esses, pois assinalam-se por façanhas pacíficas e proveitosas à humanidade; e sem as devastações da guerra, e sem o sangue das batalhas, e sem as lágrimas dos oprimidos operam úteis reformas, que centuplicam os bens e os gozos da humanidade.<sup>37</sup>

Por sua vez, Maria da Gloria de Oliveira aponta a existência dessa nova tipologia de homem heroico, já no final do século XVIII: o ‘Grande Homem’, surgido sob influência direta do Iluminismo francês, a quem define como sendo “(...) progressivamente laicizado, humanizado, civilizado, o grande homem contrapunha-se ao herói guerreiro e passava a ser definido por suas qualidades pessoais e serviços prestados ao bem público e à humanidade<sup>38</sup>”<sup>39</sup> e em que

O novo tipo de herói, anunciado por Montesquieu, nada tinha de sobre-humano: “Para fazer grandes coisas, não é necessário nem mesmo um grande gênio: não é necessário estar acima dos homens; é necessário estar entre eles”. Longe de dividir, a glória que convinha aos novos tempos instaurava uma singular proximidade entre alguns indivíduos eleitos, aspecto que será o mais marcante do culto dos grandes homens no século XVIII.<sup>40</sup>

Diferente da categoria nomeada por François Dosse a de Maria da Gloria aponta para um personagem mais palpável e acessível, pedagogicamente, ao leitor exemplar e que teria grande alcance no Brasil. Para a autora

[...] o projeto de escrita da história nacional desdobrava-se em múltiplas vias de realização, entre as quais estava a constituição de uma galeria de nomes dignos a serem memorizados por seus grandes feitos em prol da nação. Não obstante a evocação recorrente do

modelo de exemplaridade plutarquiano, a noção-chave implícita na formação do panteon brasileiro será a do grande homem das Luzes, louvado por personificar a excelência do homem comum, letrado, benfeitor da humanidade e, sobretudo dotado de virtudes exemplares como servidor do Estado.<sup>41</sup>

Dentro deste universo de ação a biografia escrita por Fernando Luis Osorio apresentará uma proximidade maior com a figura heroica colocada por Maria da Gloria Oliveira, por não empreender um caminho simples de heroição do personagem em foco, comumente, visualizada nos panegíricos ou nos elogios históricos também do XIX. Ainda que possamos encontrar correspondências diretas com a produção romântica do biográfico no XIX voltada para a construção da nação e dos grandes homens – heróis e gênios que a representam. A narrativa de Fernando Luiz descreve Osorio como um ‘herói’, mas não como ‘O herói’ cósmico descrito por Loriga, o que ‘Faz a História’, nem como os tipos heróicos de Dosse, Hook ou Carlyle, que personificam os sonhos da sociedade. O autor descreve seu pai em termos mais castos e estabelece sua heroicidade nas circunstâncias de sua vida.

Fernando Luis aponta como seu maior valor a honra como homem e militar, capaz de abandonar suas crenças republicanas e lutar ao lado do Império contra seus compatriotas riograndenses em um dos conflitos que mais marcaria a história local, como foi a Farroupilha, abandonando seus sonhos por uma obrigação civil. A narrativa apresenta Osorio como um jovem que, recém alistado no exército imperial, não teve outra escolha senão seguir as ordens dadas por seus comandantes e ser uma peça no jogo político e militar representado pelos conflitos em que esteve envolvido ao longo de sua carreira. Um homem passível de erros e acertos como qualquer outro. As poucas vezes que tentou tomar as rédeas de sua vida, tal escolha não lhe foi dada<sup>42</sup>, acabando como passivo homem mundano à mercê de entraves burocráticos, como podemos rever na narrativa de evento em que, cumprindo Osorio seus deveres na fronteira do Brasil com a Banda Oriental do Uruguai foi obrigado a entrar em combate contra ladrões das propriedades locais e, vencendo o combate, foi acusado de atacar mulheres e crianças indefesas, sendo condenado a um ano de prisão, mesmo sob protestos dos moradores locais, fato onde foi, segundo Fernando Luis, injustiçado.

Não houve processo, mas Osorio foi pelo Comandante das Armas, detido em prisão por um ano e três dias.

E o que é mais triste ainda: – o Governo do Brasil, em satisfação ao Governo Oriental, fê-lo marcar passo mais de II anos no posto de tenente; preteriu-o, magoou-o esquece-o os seus serviços, e tudo isso sem fundamento de um processo, sem que houvesse uma sentença condenatória!

A prepotência do Governo, o arbítrio da autoridade, vitimaram-no, afligiram-no; mas o elogio, o aplauso, a gratidão dos seus patrícios da fronteira, que o visitaram na prisão constantemente, – alegraram-no, animaram-no a continuar na senda que deve trilhar o homem de brio.<sup>43</sup>

Não que a figuração do marquês presente na obra não o tenha como um herói<sup>44</sup>. Mas, para o autor, Osorio só pode ser descrito como herói a partir da associação a uma categoria: a da nação. Fernando Luis, com olhar atento de biógrafo-filho, descreve Osorio como, acima de tudo, um nacionalista, e aqui sim encontra seu valor heroico. Ele aponta que a filiação de seu pai ao exército imperial era parte de sua honra e amor desapegado à nação brasileira, e não à Monarquia, pela qual lutara “por haver compreendido que ela ainda não fez o seu tempo neste país”<sup>45</sup> Talvez por isso, na introdução de seu livro, Fernando Luis consagre a narrativa da vida de seu pai à nação. Afirmando à mesma que “ele viveu servindo-te, desde a juventude à velhice, dedicadamente. Por ti derramou seu sangue no campo de batalha. Amou-te mais que à própria vida”<sup>46</sup>, e pedindo que esta protegesse “contra o olvido da memória os teus leais servidores”<sup>47</sup>. O mesmo se dá ao longo da narrativa, em que Osorio é apresentado como um homem disposto a abdicar de sua condição e deveres de homem pelo bem maior da pátria.

Em sua dor de patriota já desesperava, quando, em um dia, em que mais entregue se achava às suas tristes meditações, recebeu cartas da família e entre estas, uma de sua velha Mãe, que o comoveu profundamente. Sua Mãe, viúva, sofria pobreza, sofria necessidades extremas, estava sem arrimo e na miséria, contando somente com os fracos recursos que dele recebia! Vós todos, filhos extremosos, dizei,

dizei se não atingiria ao mais alto grão o vosso pesar, tendo uma tal noticia; dizei se nesse momento de angustia, recordando tudo o que deveis aquela que vos deu o ser, imaginando vê-la devorada pelas torturas que a afligiam, não envidais todo o vosso esforço para socorrê-la, para minorar-lhe as penas? Se fosseis militares, se estivesse pelo desgosto com o espírito preparado para abandonar as fileiras, e se neste estado, aquela fatal noticia viesse encontrar-vos; se já como soldado não podeis remediar os males da Pátria, como filho o que fareis? Não vos teria sacrificado para ir amparar vossas mães? E se além delas tivésseis órfãos de que velar? ... E se ainda além destes, tivésseis mais uma família a atender? ... Não serieis surdos aos seus gemidos, não é verdade? ... Pois bem; Osorio não o foi [...].<sup>48</sup>

Como dito, o marquês que nos é apresentado por seu filho é, acima de tudo, um nacionalista, um ‘homem de brio’, que é capaz de abdicar de suas necessidades pessoais pelas do coletivo da nação. Ainda que capaz de transcender à condição humana, tal qual fica claro no trecho acima descrito, no qual Fernando Luis aponta sua capacidade de desprendimento frente às necessidades daquela que o pôs no mundo em prol das necessidades da nação, o herói construído pelo autor não é o motor da história, mas sim parte integrante (ainda que fundamental) desta. Um herói que não coincide suas vontades com a da nação, como quer Sidney Hook, mas que faz das vontades da nação as suas.

Elementos constantes na narrativa – para além das defesas feitas de filho para pai – nos apontam um caminho em que o herói, que mais tarde se construiu, não é alguém acima dos fatos, mas sim parte integrante deles, não como alavanca, mas como engrenagem da História, caracterizando uma heroicidade que não vem de si, mas de um elemento externo, a nação. A nação foi para o general Osorio o motor que o movimentou e o fez aceitar todos os revezes que lhe acometeram ao longo da vida.

E aqui Fernando Luis indica o ponto principal de sua narrativa, qual seja: a escrita da nação a partir da vida do homem que por ela abdicou de tudo, permitindo-o reconstruir em sua narrativa não só o personagem em questão, mas também as experiências históricas nas quais esteve envolvido. Tais elementos podem ser vistos na forma empregada por Fernando Luis para narrar

a vida de seu pai, de forma a se desprender da narração das ações individuais, abrindo espaço para a investigação das ações coletivas. O autor debruça-se sobre ‘os fatos da história’ para, a partir deles, buscar entrelaçar a vida de seu pai aos acontecimentos de que foi agente integrante e com isso constrói a narrativa histórica daquela que era o elemento principal para ambos – pai e filho – a nação.

*Trajetória de Vida e Escrita da História.*

Ao escrever a história da nação a partir da vida de seu pai, Fernando Luis Osorio também nos permite reconhecer o valor que dá à História enquanto forma de compreender o mundo. Como posto acima, no início do primeiro volume da obra, o autor esclarece os objetivos de seu trabalho em um longo texto introdutório dirigido ao leitor, no qual afirma que ao escrever as memórias de seu pai “não faria mais do que escrever páginas da história nacional”<sup>49</sup> e apontando também o que esperava da obra em si:

Esta obra, construída com elementos são, tem a vantagem de reprimir semelhantes resultados; de fazer que a verdade resplandeça na história, provocando de futuros escritores um juízo reto sobre o biografado, em todas as manifestações de sua individualidade considerada: como homem privado, soldado, político ou poeta.<sup>50</sup>

Esclarecendo também que a obra “trata de um passado que não pode ser esquecido; de um vulto que teve uma história, de uma história que tem seu lugar reservado nos anais das nações, porque, está fortemente ligada à do Brasil”<sup>51</sup>. Fernando Luis nos esclarece o quanto à narrativa da vida de seu pai deveria servir ao apaziguamento do passado coletivo e à fixação desta história/memória comum, constituindo-se em um ‘monumento’ deste passado da nação, ou ao menos em um ‘traço’ do que acreditava que deveria vir a ser este passado.

Fernando Luis não enxerga ou apresenta seu pai como um motor histórico impulsionando as ações dos homens ao seu redor, papel que um herói romântico teria – nem como um gênio criador capaz de refletir toda a estética de uma geração, outro arquétipo da produção romântica –, mas sim como um dos homens impulsionados pelos movimentos da História, no qual sua

trajetória serviu de e somente como espaço para a narrativa da nação. Nação onde o homem comum como seu pai encontrava inspiração para aflorar o verdadeiro herói. Sua história não reflete um monumento ao homem, mas sim um monumento à nação, ao Brasil.

Elementos externos e a própria forma da narrativa demonstram o empenho de Fernando Luis em descrever um pano de fundo concreto e tangível em que a vida de seu pai deveria ‘misturar-se’ e não só ‘sobrepôr-se’. Pano de fundo que também deveria ser forte o bastante para impor o ritmo da narrativa de uma vida que ao mesmo tempo em que é compelida pelas necessidades históricas, busca dar voz às suas vontades. Esse pano de fundo, que veio a ser a história da nação brasileira em seus anos mais conturbados e estruturais é descrito e narrado de forma a impelir o personagem/sujeito a ser o que foi. Fernando Luis Osorio descreve e narra a construção do personagem/sujeito Manoel Luis Osorio, seu pai, simultaneamente ao que descreve e narra a construção conturbada da nação brasileira, do Império do Brasil.

Desta forma, a narrativa da trajetória de vida que Fernando Luis faz de seu pai configura-se como representação não só do indivíduo personificado, mas também do tempo histórico no qual estava inserido. O que permite que a biografia alcance mais do que a ação de lembrar este indivíduo, permite a lembrança do passado no qual atuou. Este é o dado valioso em lembrar o passado a partir da artimanha de inseri-lo na vida dos homens que compuseram a história da Nação. Essa lembrança-narrativa permite a ‘co-memoração’ do indivíduo e do tempo histórico, no sentido de que serve à coletividade. A ‘re-presentação’ do passado a partir da vida do homem nacional, nos dá possibilidade de lembrar o tempo da ação e a possibilidade de reinseri-la no contexto do presente.

Reavaliando a posição do herói nacional, Fernando Luis constrói para seu pai um espaço privilegiado dentro do *panteon* nacional que o afasta dos demais heróis do XIX. Esse diferencial pode ser mais bem compreendido se não nos esquecermos do dado precioso representado pela publicação da obra ter-se efetivado nos primeiros anos da República Brasileira.

Como mencionado acima, a virada do século e, no Brasil, as transformações políticas desencadeadas nesses anos, representaram um momento de revisão de valores associados à emergência de novos processos políticos e sociais. No campo intelectual, e por sua vez no biográfico, o final do século

XIX e o início do XX representaram uma virada substancial nas formas de conceber o homem e o mundo no qual este estava inserido, impulsionados pela emergência de uma nova sensibilidade entre 1890 e 1914, tida como ‘moderna’.<sup>52</sup> No campo do biográfico, Marcia Gonçalves nos auxilia ao explicar que estas transformações geraram uma biografia moderna com um novo olhar sobre suas próprias possibilidades da produção:

[...] em tempos de gênese do modernismo e dos questionamentos sobre as dimensões da subjetividade, as biografias passaram a figurar entre narrativas de vida, revigoradas por suas possibilidades de ensaiar interpretações sobre indivíduos e suas fascinantes personalidades e fisionomias.<sup>53</sup>

A biografia *História do General Osorio* coloca ao narrador o exercício de pensar o sujeito em foco inserido nos fatos que compõem a história que se quer como da nação, ponto que a referencia nos quadros da biografia tida como romântica. Por outro lado, esse sujeito em foco não é o motor das ações que se desenrolam, mas sim uma parte atuante com limites claros de ação, e que sofre, enquanto passivo da história, os efeitos dos fatos nela desenrolados. Um sujeito afeito a erros e acertos, como o próprio Fernando Luis afirma ao apontar sua proibição, enquanto biógrafo, em comentá-los.

‘Herói’ sim, mas não um ‘Varão Ilustre’. Um ‘Grande Homem’ “laicizado, humanizado, civilizado” construído a partir de “suas qualidades pessoais e serviços prestados ao bem público e à humanidade”.<sup>54</sup> Um personagem que se quer exemplar pela participação nos fatos da História e, principalmente, por sua postura honrosa como representante da nação, servindo ao exemplo por não se desvirtuar do caminho do bem, da justiça e da verdade. O herói diferenciado que Fernando Luis Osorio constrói na figura do pai reside no monumento à nação que sua vida representa ao longo da narrativa empreendida na obra.

No entanto, podemos identificar na narrativa de Fernando Luis uma pluralidade de influências que permite a seu personagem ser reconhecido, ainda que em parte, nas demais categorias, possibilitando a construção de uma figura dicotômica. O reconhecimento dessa dicotomia, que permite à narrativa biográfica de Fernando Luis a coexistência de elementos

diversos, nos permite identificar a influência da temporalidade da escrita sobre o autor e sobre a obra. Vemos na obra de Fernando Luis a presença do ufanismo monumentalista do movimento romântico, descrito na busca por um ser exemplar, mas tal exemplaridade não se dá pelos termos românticos, mas sim pela associação à nação. Fernando Luis não quer seu pai um herói “profeta da realidade”,<sup>55</sup> mas sim visa um herói cotidiano, um ‘grande homem’ capaz de aceitar o encadeamento dos fatos da vida para o bem ou para o mal, sem a eles impor sua vontade, e, nesse sentido, se aproxima das biografias modernas que começaram “apostando na receptividade de outras formas de esquadrihar a humanidade contraditória de todo e qualquer sujeito individual.”<sup>56</sup>

Acreditamos que essa amplitude de possibilidades para categorizar o personagem construído por Fernando Luis se apresentam pela narrativa desenvolver, em medidas próximas, elementos das duas tipologias sem filiar-se diretamente a nenhuma. Mais do que sobrepor-se, vemos na obra elementos das duas categorias desfrutarem do mesmo espaço-texto, anunciando a existência de um espaço diferenciado, que reconhecemos ser fruto da temporalidade de sua produção e às transformações sociais e políticas vividas e experimentadas pelos homens desta. Nesse sentido, o surgimento de uma nova sensibilidade, as transformações políticas nacionais e internacionais, a emergência de um público leitor ávido por minúcias dos homens públicos, mais do que por suas características exemplares, uma noção do universal sobre o individual, a efervescência dos novos cenários urbanos e outros elementos que enunciam e compõem a temporalidade da virada do século parecem ter, para nós, influenciado diretamente na produção do texto<sup>57</sup>.

Nesse sentido, a obra *História do General Osorio*, nos possibilita compreender alguns dos usos e funções atribuídos à produção biográfica nesta virada do século XIX para o XX. Acreditamos que a relativização do papel heróico posto ao pai, Manoel Luis Osorio, por seu filho Fernando Luis, ao vinculá-lo à categoria ‘nação’ como condição heróica, é justamente o elemento que permite que possamos caracterizar a biografia do General Osorio na chave de uma narrativa de trajetória de vida que serve de espaço de figuração e acesso ao passado, à descrição historiografia. Permitindo-nos, assim, que visualizemos o passado da forma como era concebido nos primeiros anos da

República Brasileira. E acreditamos nas suas possibilidades historiográficas por termos em mente que a produção historiográfica do século XIX representa um movimento de construção não só da história nacional, mas também dos eventos que deveriam ser a ela associados.

Narre uma vida, conte uma história. Essa é a lógica que Fernando Luis Osorio segue na escrita da biografia de seu pai, o marquês do Herval, Manoel Luis Osorio. Biografia destinada a tornar-se monumento de sua existência. Mural de suas decisões e serviços prestados à pátria, à nação brasileira. Uma lápide, mais que honrosa aos seus feitos, bravura e paixão nacional e, no entanto, mais que um panegírico.

*Notas e Referências*

- 1 Joseph L. LOVE. *O regionalismo gaúcho*. São Paulo: Perspectiva, 1975, p. 124.
- 2 Falecido em 1879.
- 3 Affonso FONTAINHA. *História dos Monumentos do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ed. Americana, 1963.
- 4 Falamos sobre o movimento político militar da Farrroupilha (1835-1845).
- 5 Fernando CATROGA. *Memória, história e Historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001, p.61.
- 6 Foi deputado provincial em 1874 e membro da Câmara Temporária em 1876, membro da Constituinte em 1891, nomeado ministro plenipotenciário em Buenos Aires em 1894, não assumiu o posto por ser nomeado 5 meses depois Ministro do Supremo Tribunal. Em 1891 escreveu a letra do Hino Republicano Riograndense. Achylles Porto ALEGRE. *Homens ilustres do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1917, p. 17.
- 7 Fernando Luis OSORIO. *História do General Osorio*. Rio de Janeiro: Typ de G. Leuzinger & Filhos, 1894. 1º vol, p. XIV.
- 8 *Idem*.
- 9 A opção por tratar somente do 1º volume da obra, diz respeito a temporalidade da mesma que nos permite analisar justamente o cenário político da virada do XIX para o XX, enquanto que o segundo volume nos traria um novo cenário e novos autores com novas funções e motivações, ponto que acreditamos alteraria o foco do trabalho da perspectiva de pensar a produção biográfica, seus usos e funções na conjuntura já mencionada.
- 10 Assim como as demais obras analisadas até aqui, a biografia *Historia do General Osório* consta em todas as publicações verificadas e já apontadas anteriormente. Quando não na bibliografia propriamente dita (lembrando que as obras do XIX e do início do XX nem sempre a apresentavam), consta nas citações internas.
- 11 Como consta em nota biográfica no início do volume extra *A Guerra Civil dos Farrapos*, obra publicada pela Editora do Globo de Porto Alegre, para os festejos do centenário da Revolução Farrroupilha em 1935. Tal obra é um volume extraído contendo os 12 capítulos da biografia *História do General Osorio*.

- 12 Ver resultados iniciais do projeto “*Retratos em papel e letras: imaginário nacional e narrativa biográfica no Império do Brasil*” coordenado pela prof<sup>a</sup> dr<sup>a</sup> Marcia Gonçalves de Almeida, apresentados na SEMIC da UERJ no ano de 2007 e Sessão de Painéis na ANPUH nacional em São Leopoldo no mesmo ano, sob o título: Letras e lápides: políticas da memória nos elogios fúnebres da Revista do IHGB (1839–1870).
- 13 Ângela de Castro GOMES. *A República no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2002, p.10.
- 14 Beatriz SARLO. *Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Belo Horizonte: Editora UFMG e Cia das Letras, 2007, p. 15.
- 15 Fernando Luis OSORIO. *História do General Osorio*. Rio de Janeiro: Typ de G. Leuzinger & Filhos, 1894. 1º vol, p. XVII.
- 16 Marcia de Almeida GONCALVES. “História de Gênios e Heróis: Individuo e Nação no Romantismo Brasileiro”. In: Keila GRIMBERG & Ricardo SALLES. *O Brasil Imperial*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 429.
- 17 *Idem*. pp. 432–3.
- 18 *Idem*. pp. 429–30.
- 19 Ilmar Rohrlf de MATTOS. “Construtores e herdeiros: a trama dos interesses na construção da unidade política”. In: *Almanack Braziliense*. n. 1, maio/2005. Revista eletrônica, IEB/USP. Disponível em: [http://forum-8maio2005almanackbrasiliense nº01](http://forum-8maio2005almanackbrasiliense.nº01). (acesso em: 05/09/2008).
- 20 Tristão de Alencar ARARIPE. “Indicações sobre a História Nacional.” In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *Livro de Fontes: de historiografia brasileira*. Rio de Janeiro: Eduerj/Faperj, 2010. pp. 228–9.
- 21 Fernando CATROGA. *Memória, história e Historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001, p. 60.
- 22 Maria da Glória de OLIVEIRA. *Escrever Vidas, Narrar A História: a Biografia como Problema Historiográfico no Brasil Oitocentista*. Rio de Janeiro: tese de doutorado apresentada ao programa de pós-graduação Historia Social UFRJ, 2009, p. VII.
- 23 Marcia de Almeida GONCALVES. “História de Gênios e Heróis: Individuo e Nação no Romantismo Brasileiro”. In: Keila GRIMBERG & Ricardo SALLES. *O Brasil Imperial*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 439.

- 24 Fernando CATROGA. *Memória, história e Historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001, p.25.
- 25 Marcia de Almeida GONCALVES. “História de Gênios e Heróis: Individuo e Nação no Romantismo Brasileiro”. In: Keila GRIMBERG & Ricardo SALLES. *O Brasil Imperial*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p.454.
- 26 *Idem*, p. 456.
- 27 Sidney HOOK. *O Herói na História*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1962, p. 130.
- 28 Sabina LORIGA. “A Biografia como problema.” In: Jacques REVEL (org.). *Jogos de Escala. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998, pp. 225-250.
- 29 Marcia de Almeida GONÇALVES. *Em Terreno Movediço: biografia e história de Octávio Tarquínio de Souza*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009, p. 457.
- 30 François DOSSE. *Desafio Biográfico*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009, p. 152.
- 31 *Idem*, p. 169.
- 32 Sidney HOOK. *O Herói na História*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1962, p. 130.
- 33 *Idem*, *ibidem*.
- 34 *Idem*, *ibidem*.
- 35 Em sua obra *Os Heróis*, reunião das seis conferencias realizadas em Londres desde 1837, Carlyle os classifica por sua natureza, tais como: Divinos, Profetas, Poetas, sacerdotes, Homens de Letra ou/e Rei. Cf. CARLYLE, Thomas. *Os Heróis*. São Paulo: Melhoramentos, s/d..
- 36 Thomas CARLYLE. *Os Heróis*. São Paulo: Melhoramentos, s/d
- 37 Tristão de Alencar ARARIPE. “Indicações sobre a História Nacional.” In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *Livro de Fontes: de historiografia brasileira*. Rio de Janeiro: Eduerj/Faperj, 2010. p. 229.
- 38 Maria da Glória de OLIVEIRA. *Escrever Vidas, Narrar A História: a Biografia como Problema Historiográfico no Brasil Oitocentista*. Rio de Janeiro: tese de doutorado apresentada ao programa de pós-graduação Historia Social UFRJ, 2009, p. 13.
- 39 Vale ressaltar que a discussão sobre o conceito de herói é muito mais abrangente e que na breve argumentação que concerne a este trabalho, nos propusemos a traçá-la somente em linhas gerais.

- 40 Maria da Glória de OLIVEIRA. *Escrever Vidas, Narrar A História: a Biografia como Problema Historiográfico no Brasil Oitocentista*. Rio de Janeiro: tese de doutorado apresentada ao programa de pós-graduação Historia Social UFRJ, 2009, p. 13.
- 41 *Idem*, p. 16.
- 42 Refiro-me aqui às suas tentativas de baixa e dispensa das forças imperiais, em que os pedidos lhe foram negados consecutivamente, por conta de rixas políticas com membros mais elevados da hierarquia militar.
- 43 Fernando Luis OSORIO. *História do General Osorio*. Rio de Janeiro: Typ de G. Leuzinger & Filhos, 1894. 1º vol, p. 272.
- 44 O herói que mais tarde seria consagrado com um dos três militares mais importantes da construção da Nação Brasileira (dividindo terreno com duque de Caxias e Almirante Tamandaré).
- 45 Fernando Luis OSORIO. *História do General Osorio*. Rio de Janeiro: Typ de G. Leuzinger & Filhos, 1894. 1º vol, p. XXX.
- 46 *Idem*, dedicatória.
- 47 *Idem*, dedicatória.
- 48 *Idem*, p. 356.
- 49 Fernando Luis OSORIO. *História do General Osorio*. Rio de Janeiro: Typ de G. Leuzinger & Filhos, 1894. 1º vol.
- 50 Fernando Luis OSORIO. *História do General Osorio*. Rio de Janeiro: Typ de G. Leuzinger & Filhos, 1894. 1º vol, p. XVI.
- 51 *Idem*, p. XX-XXI.
- 52 Marcia de Almeida GONÇALVES. *Em Terreno Movição: biografia e história de Octávio Tarquínio de Souza*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009, pp. 154-5.
- 53 *Idem*, p. 155.
- 54 Maria da Glória de OLIVEIRA. *Escrever Vidas, Narrar A História: a Biografia como Problema Historiográfico no Brasil Oitocentista*. Rio de Janeiro: tese de doutorado apresentada ao programa de pós-graduação Historia Social UFRJ, 2009, p. 13.
- 55 Sabina LORIGA. “A Biografia como problema.” In: Jacques REVEL (org.). *Jogos de Escala. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998, p. 236.
- 56 Marcia de Almeida GONÇALVES. *Em Terreno Movição: biografia e história de Octávio Tarquínio de Souza*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009, p. 156.

57 Cf: Angela ALONSO. *Idéias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil - Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002; Maria Tereza Chaves de MELLO. *A República consentida: cultura democrática e científica do final do Império*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007; etc.

